

O Toureiro é um actor a quem acontecem coisas de verdade.
Orson Welles

É de Vila Franca e chama-se JOSÉ JÚLIO

É DE VILA FRANCA
E CHAMA-SE

JOSÉ
JÚLIO





Luís Capucha

Aficionado e Professor Universitário (PHD em Sociologia)

José Júlio, toureiro de gerações



Em 1957, no ano em que eu nasci, José Júlio Venâncio Antunes cumpriu 15 corridas, alternando nalgumas delas, apesar de ser ainda novilheiro, com grandes figuras do escalafón de matadores portugueses, espanhóis e mexicanos. Numa delas, em Algés, Carlos Arruza incentivou-o: “Echese p’alante, mano!”. E o diestro vila-franquense assim fez. Dois anos depois tomava a alternativa e iniciava, como Doutor em Tauromaquia, uma trajetória ímpar.

Apesar da distância etária, ainda fui a tempo de o ver tourear em muitas ocasiões ao longo de quatro décadas. Não sabia eu, nem ninguém podia imaginar, que tal fosse possível. Os toureiros não são eternos (às vezes a sua memória, sim) e mais de 20 anos no ativo em plano de figura é quase um milagre. Por razões geracionais, não tive o privilégio de o ver nos anos gloriosos das décadas de 50 e 60. Porém, como para todos os vila-franquenses, José Júlio tornou-se para mim um ídolo, quase mitológico. Uma lenda viva. Os ecos desse tempo, e dos “Olés”

< CAT. 52
(pormenor)

que se soltaram dos peitos emocionados de então, chegaram ainda fortes até mim e, estou em crer, ainda hoje se repercutem nos peitos dos jovens da nossa terra.

Só comecei a apresentar-me na *taquilla* para comprar a entrada quando comecei a poder pagar os bilhetes do meu bolso (José Júlio é toureiro de praça cheia, mas não à custa de borlas). Como foi possível, então, esse meu prolongado encontro “ao vivo”, sempre a gosto, com a Tauromaquia de José Júlio?

Naturalmente, foi-o devido à longa trajetória do matador. Sem nunca se arrastar nas praças. Sempre em toureiro, a “apertar os machos” até aos 75 anos de idade, quando ainda toureou (com sabor a triunfo forte e perfume de toureiro caro) toiros com os 5 anos que, dizia “Joselito el Gallo”, estavam na idade certa para toureiros de 25. Compartiu cartel, no início, com figuras de lugar já inscrito e consolidado nas páginas de ouro da História da Tauromaquia, como, por exemplo, Pepe Luís Vasques – o seu ídolo –, Domingo Ortega, Luís Miguel Dominguín, Carlos Arruza, António Bienvenida e António Ordóñez, entre tantos outros, incluindo os portugueses Manuel dos Santos e Francisco Mendes. Para além, claro, de todos os cavaleiros de primeiríssimo plano com quem compartia cartel (Branco Núncio, Simão da Veiga Júnior e mais tarde José Lupi, Mestre Batista, e outros de nível artístico elevado). Passou com distinção no confronto com os da sua geração, como Diego Puerta, Miguel Báez



Litri, Júlio Aparício, Manolo Vasquez, Paco Camino, Curro Romero ou Rafael de Paula. E continuou toureando e triunfando com figuras que, pela idade, podiam ser seus filhos, como é o caso de Vitor Mendes ou J. António Ruiz “Espartaco”, ou seus netos, como José António “Morante de la Puebla”, Julian López “El Juli” ou Sebastian Castella. Manteve-se quase seis décadas em plano de figura, num lugar que apenas está ao alcance de uns poucos privilegiados a quem tocou o dom da criatividade, a chama da graça toureira e o sentido do dever profissional a que costumamos chamar arte e “verguenza torera”. Respeitado pelos companheiros, pelo público e, principalmente, com respeito por si próprio.

Quando falamos de José Júlio falamos, portanto, de um toureiro de gerações. Foi o ídolo dos aficionados com a idade que teriam hoje os meus pais. Em todo o mundo, mas de forma especialmente empática na sua Vila Franca de Xira. Foi e é o ídolo dos aficionados e dos não aficionados da minha geração. É um ídolo para os meus filhos que ainda o viram tourear. Será um mito, uma lenda, que será passada aos meus netos e, pela boca destes – e agora com a ajuda preciosa que será dada pelo livro “José Júlio, Vida e Tauromaquia” – aos filhos deles.

Essa é a realidade sociológica. Homens excecionais tornam-se heróis imortais, pois perduram na memória do seu povo. Porém, a pergunta mais pertinente é tarológica. Evoluindo o toureio como tem evoluído nos últimos 60 anos, como pode um matador de toiros atravessar assim,

sempre em glória, todo esse tempo? A resposta mais óbvia parece ser a de que se foi adaptando, ou melhor, que foi adaptando a sua forma de tourear, ao sabor dos tempos. Mas isso, em tauromaquia, é materialmente impossível. “Se tórea cómo se és”, dizia Belmonte, e os bons toureiros são pessoas de personalidade forte, que não mudam com as modas. Creio que o segredo de José Júlio é que praticou, como Belmonte ou Pepe Luís Vasquez, um toureio eterno.

Um toureio baseado não em excepcionais aptidões atléticas inatas – embora, como profissional, nunca tivesse deixado de cuidar da sua condição física – mas precisamente nesse segredo belmontista que consiste em esquecer-se do corpo, porque o toureio “é obra do espírito”. Tornando o toureio, mesmo perante toiros das mais encastadas ganadarias, um bailado feito de leveza e sedução. Arte pura e fantasia do diestro que, com os pés pregados no chão, parece que vai pairando no ar enquanto o bruto se entrega levado nos voos dos enganos com que se toureia de verdade.

Um toureio baseado no entendimento imediato dos toiros. Não se pode tourear sem comunicar com o toiro, sem captar e entender os seus sinais e os seus estados, que vão variando ao longo da lide. Para lhes adivinhar as intenções e o “feitio” os toureiros usam os “passes de tenteio”, no primeiro tercio com o capote e no terceiro ao iniciar a faena de muleta. Cada passe de tenteio é um passe a menos na faena. Mas se o matador, como é o caso de José Júlio, entende o toiro logo de saída, então pode tourear



em pleno desde o primeiro encontro, não desperdiçando uma única gota de bravura, nobreza ou força que o animal traga consigo. Além disso, só esse saber permite a um veterano confiar-se, mandar no toiro sem necessidade de emendas fisicamente exigentes, e produzir com arte a lide que cada animal requer.

Um toureio, enfim, baseado numa ética sem máculas. O matador sabe que joga a vida em cada encontro com o cúmplice/inimigo que é o toiro. Como qualquer ser humano sente o medo. Mas ao contrário dos humanos normais consegue controlar esse medo, superar o instinto de defesa e enfrentar o animal com a verdade que um jogo de vida e de morte merece. Sem verdade não há toureio eterno. A verdade, segundo a tauromaquia de José Júlio e de todas as grandes figuras de todos os tempos, do presente e do passado, é feita do estrito cumprimento das regras do toureio. É ter o valor para lidar o inimigo mortal com o respeito que ele merece e que também merece o público. Com “vergüenza torera”. É um jogo de enganos com o toiro em que se expõe de facto a vida. É tourear de frente para o animal, trazê-lo metido na “pança” da muleta recusando alívios fáceis e “martingalas”, para o “despejar” por trás das costas deixando-o colocado para o passe seguinte. É cravar bandarilhas de poder a poder, vencendo o pitón e assomando-se “al balcón”, ou quebrado no centro da arena com um leve menear do corpo, para cravar em todo o alto. É adiantar o capote e templar a investida com a mesma suavidade

com que Verónica limpou a cara do Deus que amava. É desse material, desse pundonor, que se faz o toureio eterno de José Júlio.

Um toureio que, nem por ser um paradigma de verdade e seriedade, deixa de ser alegre, diversificado, amplo, de todos os tércios e de todas as sortes. Com uma graça que faz com que tudo pareça fácil, desiderato que é o mais difícil de atingir. José Júlio nunca se deixou cair no toureio estereotipado e repetitivo que foi e é pecha de tantos outros, que mais pareciam e parecem trazer a faena, sempre a mesma, estudada de casa. A sua tauromaquia é ampla e de reportório alargado. Por isso se podia acoplar ao que cada toiro trazia dentro e exigia que fosse feito. Reside aí a razão pela qual, salvo breves períodos de crise que são típicos de todos os artistas, José Júlio foi sendo capaz de administrar a cada toiro a lide requerida. Ora com elevado tom artístico de sabor a pelizco sevillhano, perfume de duende trianero, perante as rezes mais colaborantes, ora com poderio e domínio perante outras que exigiam mais “pelea” que adornos.

José Júlio praticou um toureio que só quem vive a sua profissão como um sacerdócio pode praticar. Ganhou fortunas, mas nunca fez da riqueza um objetivo de vida. Acumulou troféus e distinções, mas não fez delas coleção. Foi objeto de honrarias, mas não se deixou inebriar. Pelo contrário, viveu sempre e só para o toiro. O que viveu como toureiro, que o foi sempre dentro e fora da praça, como manda a regra ditada por Rafael el Gallo, guarda-o na memória. Não precisa que os símbolos materiais



dos seus triunfos falem por ele. O que conta é mesmo o que sente e o modo como julga ter vivido bem a sua vida. Como escreveu Hemingway, “ninguém vive a sua vida plenamente, a não ser os toureiros”. E José Júlio vive-a, e há-de continuar a vivê-la, de forma plena e intensa.

Intensa e com uma marca forte do brio e do orgulho legítimo de quem foi capaz de dar pleno sentido à sua vida. Estou convencido que os matadores de toiros possuem todos um pouco, em maior ou menor dose, daquilo a que poderíamos chamar uma personalidade nem sempre fácil de entender e às vezes difícil no trato. Se fossem personalidades regulares, de trato sempre afável e simpático, não poderiam ter sido matadores de toiros. Os toureiros distinguem-se pelo porte, pela compostura, pelo modo como olham, como andam, como cumprimentam, como falam, como se vestem. O caráter necessário para ser matador de toiros faz parte, pelo menos assim parece, do carisma das pessoas que, com o seu próprio valor, à custa do seu sofrimento e da sua paixão, alcançam o respeito dos outros e um estatuto de grande distinção. Em José Júlio essa particularidade está muito vincada. É emblemática. Sem se tornar arrogante (atributo que nunca pressenti ao longo dos anos que levo de amizade com o maestro), não deixa de ser senhor de si, consciente de ter conseguido ser quem queria e alcandorar-se ao mais elevado galardão que alguém pode almejar. Basta conhecer a sua história e os desafios que sempre o puseram à prova, para se perceber porquê, e como é justo que assim seja. José Júlio foi

sempre um homem consciente do seu papel que, sem nunca abdicar da ética profissional, da gratidão para quem o apoiou, do amor aos seus, sempre recusou o caminho fácil, as soluções de conveniência, a submissão a troco de favores ou a bajulação das falsas admirações. Sempre em toureiro!

Daí ter recusado persistentemente a estúpida lei anti tauricida que vigora no nosso país que o impediu, quase sempre, de exercer plenamente a profissão no solo pátrio. Quase sempre porque ele foi o primeiro a empunhar, sem nunca ceder, a bandeira da luta pelos toiros de morte. Lutou de forma consequente. A dele não foi uma luta de um ato isolado. Foi uma luta de constância a dizer presente em todos os sítios e em todas as ocasiões em que a batalha se travou. Na sua Vila Franca dos anos 70 ou em Barrancos na viragem do século. Também nisso José Júlio é um exemplo para as gerações futuras: nunca desistir daquilo em que se acredita e não capitular perante a injustiça nem esmorecer perante o tamanho do obstáculo.

Falar de José Júlio é falar de arte e de estoicismo. Da grandeza do toureio e da coragem de enfrentar com galhardia os inimigos de dentro e de fora das arenas.

Neste momento em que Vila Franca lhe presta uma justa homenagem e em que se cumpre o sonho do maestro editar o livro da sua vida e da sua tauromaquia, a minha pena é que não possamos ouvir o testemunho

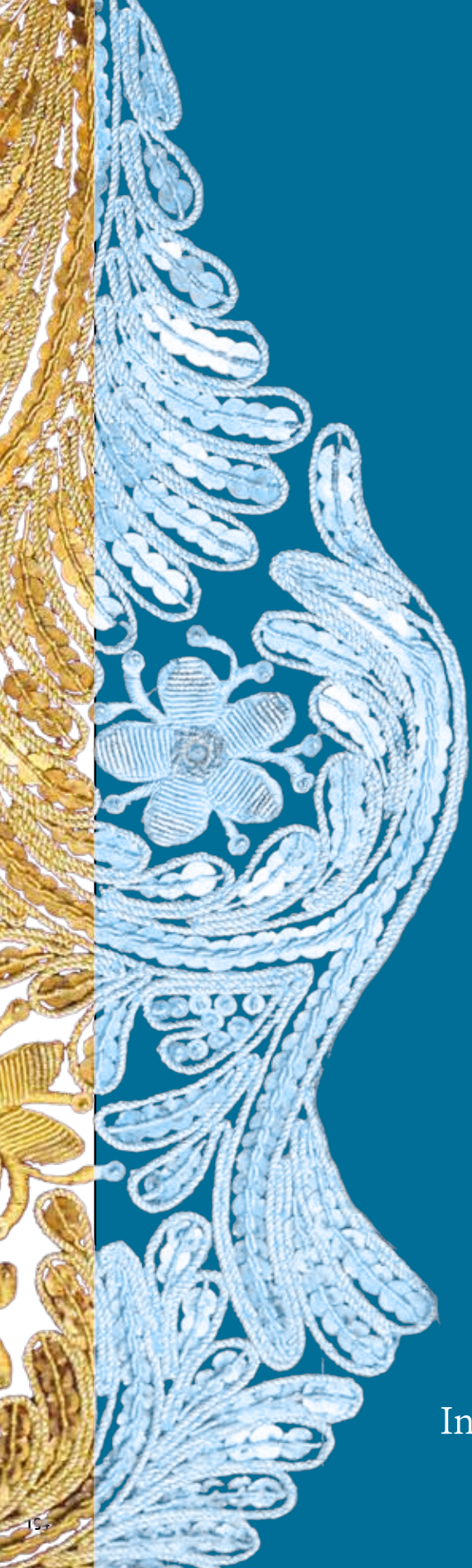


de Manuel dos Santos, José Falcão, “Galinha”, Bacatum, Carlos Falcão, João Villaverde, Carlos Costa “Choni”, João Mascarenhas, José António Lázaro, “Cabo Quim” e do seu irmão mais velho Orlando Vieira, e de tantos outros que, melhor que ninguém, poderiam explicar que homem excepcional é José Júlio e que toureiro magistral é esse diestro que é de Vila Franca.

Vila Franca deve-lhe muito, como ele deve a Vila Franca. José Júlio foi retribuindo na arena, Vila Franca está a reconhecer a importância dessa figura incontornável da nossa história através da exposição que lhe dedica e do suporte dado pela Câmara Municipal à edição do livro “José Júlio, vida e tauromaquia”. Mas ficam a faltar três atos de reconhecimento: a construção de uma estátua em honra do primeiro matador de toiros nascido nesta terra, a atribuição do seu nome a uma artéria importante da cidade, e a atribuição, pelo Presidente da República, de uma condecoração que ele tanto fez por merecer.

Enquanto existir um vila-franquense, a divisa “É de Vila Franca e chama-se José Júlio” ecoará sempre como um grito de afirmação da nossa identidade, um farol da nossa memória coletiva, uma bandeira que se cola ao nosso corpo como uma segunda pele e ao nosso carácter como uma bênção.

Vaya Toreiro!



Índice

Alberto Mesquita Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira	3
“É de Vila Franca e chama-se José Júlio”. Um paradigma. Uma singularidade plural Idalina Mesquita João Alves Ramalho	6
“É de Vila Franca e chama-se José Júlio” José Júlio	10
No baú da infância António Antunes	19
<i>Labor omnia vincit improbus</i> “Um trabalho perseverante vence tudo” Carlos Alberto Caetano Dias	21
José Júlio, um pássaro sem gaiola Francisco Morgado	27
Francisco Rodrigues Pereira	35
Os grandes matadores nunca se retiram. Descansam João Dias Coutinho	36
José da Cunha Pereira Palha	40
José Miguel Cabedo	43
Ao meu querido amigo José Júlio José Pinto Barreiros	46
José Júlio José Samuel Lupi	49
José Júlio, toureiro de gerações Luís Capucha	51
Ricardo Castelo	60
Caderno de imagens	62
Catálogo	166

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS E VIDEO

A. Martins
Alberto Figueiredo
Amélia Gonçalves
Ana Serra
António Araújo
António Silva
Arjona
Armando Silva
Artur Martins
Artur Padilla Jr.
Bótan
Cano
Carlos Tomé
Chapresto
Carmona
COMUNICASOM, Produções Multimédia,Lda.
Constantino
Cinéss
Enrique
Estúdio Z
Exequiel
Foto Diaz
Foto Figueiredo
Fotos Mateo
Foto Nunes
Fotos Sebastián (hijo)
Foto Serrano
Foto Sosa
Foto Tomé
Fotografia Portugal
Gastelum
Goes
Gonsarhi
Hélder Dias
Jorge Ginja
José Serra
Lendinez
Lucílio Figueiredo
Luís Azevedo
Martin
Mireya
Pedro Batalha
Ricardo Caetano
Rolifito
Vitor Cartaxo

CEDENCIA DE DOCUMENTOS, OBJETOS E IMAGENS

António Machado Lourenço
António Simões
Associação Escola de Toureio Joaquim Gonçalves
Augusto Gomes
Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira
Carlos Luís Silva
Centro de Bem-Estar Infantil de Vila Franca de Xira
Dário Venâncio Silva
Direção Geral do Património Cultural
Família Beja
Francisco Palhota
Grupo Tauromáquico Sector 1
Helena Guerra
Hipólito Cabaço
Irene da Silva
João Atoguia
Jorge Carvalho
José Araújo
José Júlio
Marco António Gomes
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Museu do Neo-Realismo
Pedro Batalha
Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira
Tauroleve
Tertúlia O Aficionado
Tertúlia Grupo Aficionado - Os Farras
Tertúlia Lezíria
Tertúlia Os Parras
Tertúlia A Ramboia

SEGUROS

Companhia de Seguros
Allianz Portugal, S.A.

CATÁLOGO

EDIÇÃO

Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Junho de 2016

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Faria Roque

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Fátima Pires
Idalina Mesquita
João Alves Ramalho

TEXTOS

Alberto Mesquita
António Antunes
Carlos Alberto Caetano Dias
Francisco Morgado
Francisco Rodrigues Pereira
Idalina Mesquita
João Alves Ramalho
João Dias Coutinho
José da Cunha Pereira Palha
José Miguel Cabedo
José Pinto Barreiros
José Samuel Lupi
Luís Capucha
Ricardo Castelo

DESIGN E PAGINAÇÃO

Carla Félix

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS

Carla Félix
Helder Dias
João Alves Ramalho
Ricardo Caetano

PRODUÇÃO

Carla Félix
Fátima Pires
Idalina Mesquita
João Alves Ramalho

CATALOGAÇÃO

Lurdes Pina
Odete Belo
Patrícia Simões

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

A. Martins
Alberto Figueiredo
Amélia Gonçalves
Ana Serra
António Araújo
António Silva
Arjona
Armando Silva
Artur Martins
Artur Padilla Jr.
Bótan
Cano
Carlos Tomé
Chapresto
Carmona
Constantino
Cinéss
Enrique
Estúdio Z
Exequiel
Foto Diaz
Foto Figueiredo
Fotos Mateo
Foto Nunes
Fotos Sebastián (hijo)
Foto Serrano
Foto Sosa
Foto Tomé
Fotografia Portugal
Gastelum
Goes
Gonsarhi
Hélder Dias
Jorge Ginja
José Serra
Lendinez
Lucílio Figueiredo
Luís Azevedo
Martin
Mireya
Pedro Batalha
Ricardo Caetano
Rolifito

Vitor Cartaxo

REVISÃO

Fátima Pires
Idalina Mesquita
João Alves Ramalho

PRODUÇÃO GRÁFICA

Soartes – Artes Gráficas, Lda.

TIRAGEM

600 exemplares

ISBN

978-972-8241-66-7

DEPÓSITO LEGAL

411677/16

Museu Municipal

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
www.museumunicipalvfxira.pt
38°57' 11,64"N
8°59' 18,10"W

Agradecimentos

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, o Museu Municipal de Vila Franca de Xira, e os curadores da exposição agradecem a todos os que de algum modo contribuíram para este projeto expositivo.

Nota

As opções ortográficas e os conteúdos dos textos são da inteira responsabilidade dos seus autores.



Apoios:



ANTIQUÁRIO
Casa Napoleão
Vitor Pinheiro da Silva